

Psicanálise com crianças: neurose fóbica

Susana Lia Sapir de Sabbá

Psicóloga / Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista, Membro Associado do Instituto Sephora de ensino e pesquisa de Orientação Lacaniana (Rio de Janeiro, Brasil)
Fonoaudióloga / Instituto Cultural Henry Dunant - Centro de Educação e Pesquisa da Terapia da Palavra (Rio de Janeiro, Brasil)
Pós-graduação em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico Institucional / Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, Brasil)
Pós-graduação em Psicologia Clínica com crianças / PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: susana.li@terra.com.br

O que seria a psicanálise com crianças? Nada mais do que psicanálise. Esta é a posição de Freud, quando, em 1909, se ocupa do caso "O pequeno Hans". O campo abordado pelo analista em uma psicanálise com crianças é o campo da linguagem. Mesmo que a criança ainda não fale, ela está imersa no discurso dos pais. Além disso, a própria intervenção do analista ajudará a compor um discurso coletivo que se constituirá em torno de um sintoma apresentado pela criança. A sociedade confere à criança um estatuto, já que a encarrega, à sua revelia, da realização narcísica dos pais. Ela teria a missão de atender ao discurso narcísico dos pais, realizar os seus desejos e sonhos. Às vezes, as queixas dos pais nos remetem a problemáticas próprias aos adultos. O que eles nos expõem não é uma realidade vivida, mas um sonho não realizado.

A infância nem sempre teve tanto prestígio como nos dias de hoje. O conceito de infância passou a adquirir dimensões de projeto social e as crianças foram tomadas como grandes depositárias de ilusões e projetos parentais relativos aos seus futuros sobretudo no ocidente à partir do século XX (Áries, 1981). A psicanálise, que nasce na transição entre o século XIX e XX trazendo novas concepções – o inconsciente, a sexualidade infantil e o Édipo – tem, desde aí, participado explícita ou implicitamente como referência da ideia de criança e dos ideais sociais que a elas se relacionam.

Na psicanálise, tal como foi constituída, a infância figurava a título de lembranças recalçadas. Não se trata de um passado real, mas sim da maneira como o sujeito o situava em uma determinada perspectiva. Reconstruindo sua infância, o sujeito reordena um passado segundo seu desejo. Assim acontece com a criança que, brincando, ordena o seu mundo presente ou passado de acordo com o seu desejo. O discurso da psicanálise, tanto no que se refere à criança quanto ao adulto, nos remete não tanto a uma realidade, mas a um mundo de desejos e fantasias.

Voltemos agora ao caso do Pequeno Hans. Freud estava à escuta, em primeiro lugar, do que o sintoma fala: "só esta via torna possível uma atitude analítica face a uma neurose, e em particular

uma neurose infantil” (Mannoni, 2003, p. 11). Deste modo, mostra como as suas descobertas poderiam ser aproveitadas nos tratamentos de crianças.

Hans sofria de angústia fóbica. Nessa época, Freud tratava do pai dele e concordou em ver o pequeno algumas vezes, confiando ao pai o papel de observador e intermediário. O pai de Hans deveria registrar falas e fatos cotidianos do filho. Freud, por sua vez, se encarregava de lhe revelar o sentido para que o transmitisse ao filho. Hans logo situa o “Professor Freud” no lugar do pai simbólico, e é na fala advinda desse lugar que procura aceder à verdade do seu desejo. Hans, conhecedor do seu drama edípico, fica bastante confuso com a ideia de que o adulto não quer que ele saiba realmente o que de fato ele já sabe (os mistérios da procriação, etc.). Freud situa o ciúme edípico de Hans em uma história e introduz um mito que será retomado pela criança sob formas diversas até a sua cura.

Freud nos ensinou que na via de estruturação do sujeito perverso polimorfo são esperados medos infantis. Só que Hans transformou este medo em sintoma, ao apelar para um deslocamento e substituir o medo do pai por um medo dirigido aos cavalos. É esse deslocamento do sintoma o que passamos a chamar de fobia. O sintoma fóbico, na teoria freudiana, seria como um remanejamento feito sobre a angústia do sujeito. Freud confere a esta angústia uma dimensão mais econômica, pela qual ela aparece como proveniente de um excesso de energia libidinal incapaz de encontrar sua expressão simbólica. Essa energia é sempre de natureza sexual e é proveniente da inadequação entre a excitação no nível somático e a possibilidade dela ser elaborada no nível psíquico através da ligação da excitação a uma representação. Assim, a angústia é vista como uma energia sexual não elaborada à qual foi recusada uma via de elaboração e que se descarrega de maneira anárquica.

Para Laplanche (1987), a partir da segunda tópica, a angústia é redirecionada ao complexo de castração, indicando que toda dialética, mesmo a pré-genital, deverá ser retomada na perspectiva do Édipo, tanto na história do indivíduo como na cura analítica (Laplanche, 1987, p. 54). Assim como a castração, o sintoma também é inevitável, podendo ser encarado como uma tentativa da criança de estruturar a sua realidade psíquica. Desse modo, o cavalo aparece ligado a uma cadeia de significantes, desempenhando papel constitutivo para Hans (Laplanche, 1987, p. 55). A análise do pequeno Hans confirma as teses de Freud sobre a sexualidade infantil, como constata também o aparecimento de sintomas transitórios em quase todas as crianças numa determinada fase, sugerindo um momento de organização psíquica.

A neurose infantil pode ser definida de duas maneiras que não são opostas; são duas faces da mesma moeda: como ponto culminante da organização psíquica do sujeito ao indicar, no caso Hans, a articulação do sintoma fóbico às vicissitudes do Édipo e à angústia de castração, e como uma reconstrução na cena analítica do paciente adulto pelo retorno do material recalcado, ou seja, do infantil como uma formação do inconsciente, como Freud demonstra no caso do Homem dos lobos (Zornig, 2008, p. 55). Freud (1909) reconhece que as fobias são comuns na infância e que o analista só tem notícias delas ao analisar pacientes adultos, quando percebe que a neurose do adulto

teve seu ponto de partida numa angústia infantil. O sujeito é marcado pelo infantil sob a modalidade de uma produção fantasmática produzida pelo próprio sujeito sobre a sua infância (Birman, 1997).

Que angústia é essa que não se dissolve na infância?

No caso do pequeno Hans, mesmo o objeto cavalo tendo estado presente desde cedo na relação entre pai e filho, é no encontro com Freud que esse estatuto de significante fica afirmado. Assim, a tese freudiana relaciona o medo desse animal ao medo da figura paterna que encarna a ameaça da castração. Trata-se do medo da punição por seus desejos proibidos reavivados. Hans presume que o pai tem algo a ver com o nascimento dos bebês, no entanto, o pai não lhe oferece nenhuma resposta que aplaque a sua inquietação frente ao enigma do desejo de saber sobre a origem.

A resposta que o pai lhe dá não o satisfaz. Para Freud (1909), Hans responde com outra elaboração: a do bombeiro que vem e retira o seu traseiro com um par de pinças e depois lhe dá outro e, em seguida, faz o mesmo com o seu "pipi". Hans fala deliberadamente sobre o desejo de ter um caso com a mãe e de ter filhos com ela com seu novo "pipi". Porém, ao invés de fantasiar a morte do pai, torna-o inofensivo, incentiva-o a casar-se com a avó, concedendo-lhe a mesma felicidade alcançada por ele no casamento com a sua mãe. Na primeira versão o bombeiro desaparafusa a banheira e depois bate no seu estômago com a grande broca: a criança é flagelada pela castração. Entretanto, a segunda versão triunfa sobre a primeira ao representar a superação do medo da castração, pois o bombeiro veio para levar o pênis com a promessa de dar-lhe outro maior em troca.

A leitura do pequeno Hans feita por Mannoni (2003) privilegia o lugar ocupado pela criança no fantasma maternal e também como suporte das dificuldades do casal, colocando os impasses com os quais Hans se depara "a medida que lhe é necessário atravessar o campo do desejo dos pais para ter acesso à verdade de seu próprio desejo cujo acesso a mãe lhe fecha, opondo-lhe seu desejo inconsciente de que ele seja fálico para ficar eternamente cativo de seu olhar de admiração" (Mannoni, 2003, p. 14). Na análise do caso, ela ressaltará os expedientes usados pelos adultos para que a criança permaneça num certo não-saber, que corresponde ao que a própria mãe não pode saber sobre sua falta e seu desejo, à sua resistência. Um não dito que traduz o drama do casal, nitidamente percebido pela criança. Essa resposta negada pelo adulto, o pequeno Hans a procura por intermédio de um tema fantasmático. A história de Hans é a de uma criança em confronto com a mistificação do adulto. O que conta como traumático é a "mentira", não o acontecimento real.

A questão no tratamento com a criança, segundo Mannoni, não é, portanto, a supressão do sintoma. Devemos, antes, entendê-lo, decifrá-lo ou mesmo encontrar a palavra justa que lhe confira alguma representatividade. Por isso, no tratamento infantil, a escuta analítica deve ser estendida para além do sintoma apresentado pela criança, ao seu meio social e familiar, enfatizando a dimensão histórica de cada sujeito. A dificuldade de simbolizar seus pontos de impasse surge na criança como desordens, sejam elas corporais, funcionais ou comportamentais.

No *Seminário 4: a relação de objeto*, Lacan (1956), diferentemente de Freud, afirma que o objeto fóbico não é tanto uma defesa contra a ameaça da castração paterna, mas uma suplência do pai castrador. O medo fóbico localiza, antes, o temor da devoração materna. A fobia infantil, neste sentido, nos remete ao primeiro tempo do Édipo, quando ao frustrar a criança com suas ausências a mãe evidencia seu *Penisneid* (inveja do pênis). A eclosão da fobia ocorre quando a mãe se manifesta em prejuízo pelo aparecimento da falta relativa à sua condição feminina. A castração materna implica na criança o medo de ser devorada pela demanda de amor da mãe que a localiza fantasmaticamente como o objeto que preencherá o seu vazio fálico.

A mãe de Hans é uma mãe insaciada. É isso o que a presença maciça do menino em sua vida prova. Ela não saía sem ele, contava com sua companhia em situações de intimidade e consentia em gozar de sua presença na cama do casal durante todas as manhãs até o menino completar cinco anos de idade, à revelia das censuras do marido. Assim, confrontado com o desejo da mãe, a criança precisa se situar. A saída fóbica evidencia uma reação subjetiva perante o medo de ser engolido como falo imaginário num esforço de suprir a falta da intervenção paterna. Ao contrário do que Freud supôs, para Lacan, o pai real não entrou em cena encarnando o papel de agente da castração.

A ordem simbólica incide sobre o falo imaginário, regrando o gozo e permitindo a subjetivação da ausência fundamental de um objeto que satisfaça a mãe. Para que este circuito se consolide é necessário que o pai seja imaginariamente concebido como aquele que priva a mãe no segundo tempo do Édipo. Essa é a mola mestra do processo, já que a mãe passa a ser remetida a uma lei que não é a dela. O pai entra como portador da lei. Investido pelo significante do pai, ele é a chave do desfecho do Édipo. O essencial é que a mãe funde esse pai como mediador daquilo que está além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal.

Hans se encontra sujeitado – essa é a fonte de toda a sua angústia e da fobia. O que deveria acontecer no terceiro tempo do Édipo fica faltando. A terceira etapa é tão importante quanto a segunda. É necessário que aquilo que o pai prometeu no segundo tempo do Édipo seja mantido no terceiro. Ele pode dar ou recusar o falo, posto que o tem, pois tem que dar provas sobre o fato que ele tem o falo. O terceiro tempo é esse em que o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui. Aqui intervém sua potência, no sentido genital da palavra; digamos que o pai é um pai potente. Por isso, o pai e a mãe tornam a passar para o plano real. A identificação com a instância paterna pode realizar-se aqui. Portanto, ao fim desses três tempos, a identificação se completa.

Conclusão

Em uma análise, a criança deve ser ouvida como sujeito desejante em vias de advir. Mas não é possível esquecer que o seu discurso traz a marca da função simbólica dos pais, que veriam na criança a possibilidade de reeditarem a sua própria história. A criança pode elaborar em análise a organização dos seus laços afetivos e também as separações efetivas e simbólicas entre ela e os seus genitores. A evolução do tratamento da criança é lenta; implica a separação subjetiva entre a

criança e seus pais. Enquanto analistas, fazemos parte deste processo, dando suporte para o surgimento do sujeito.

A criança, em seus esforços para se constituir como sujeito, reencontra o que no inconsciente dos pais obstaculiza o surgimento do seu ser. Em outras palavras, ela não pode engajar-se na dialética da castração sem pôr em causa, de certo modo, o genitor a que está ligado. O tratamento da criança toca na posição do adulto face ao seu próprio desejo. Sobre este ponto, o analista também deve tornar possível uma dialética.

Referências Bibliográficas

- Ariés, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Freud, S. (1969). O "Pequeno Hans". *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 15 -133). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1909).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1956-157).
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes
- Mannoni, M. (2003). *A Criança sua "Doença" e os Outros*. São Paulo: Via Lettera.
- Zornig, S. (2008). *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Citação/Citation: Sabbá, S. L. S. (nov. 2013 a abr. 2014). Psicanálise com crianças: neurose fóbica. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(17), 110-114. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v9n17p110-114.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 14/06/2013 / 06/14/2013.

Aceito/Accepted: 23/10/2013 / 10/23/2013.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.